

O OLHAR DO ESTRANGEIRO AUSENTE: O DISCURSO COLONIAL SOBRE O BRASIL EM *THE FATE OF A CROWN* DE FRANK BAUM

THE ABSENT FOREIGNER'S GAZE: THE COLONIAL DISCOURSE ON BRAZIL IN FRANK BAUM'S *THE FATE OF A CROWN*

Divanize Carbonieri¹

RESUMO: Em *The fate of a crown* (1905), Frank Baum escolhe Cuiabá como cenário de uma intriga política em torno da Proclamação da República do Brasil em 1889. Mas essa é também a história de um estrangeiro, um norte-americano, e de suas impressões sobre o Brasil. Ainda que tenha selecionado como seu narrador-protagonista um viajante a Cuiabá, Baum apresenta descrições nada precisas da cidade, parecendo basear-se mais numa ausência, numa falta de relatos de primeira mão sobre ela. Contudo, um discurso colonial sobre o Brasil é elaborado nessa narrativa. No início, é uma visão fundamentada em estereótipos negativos, mas essa imagem vai sendo gradualmente alterada. O objetivo deste artigo é demonstrar a transformação que ocorre no discurso colonial presente nessa obra, ocasionada pelas experiências do narrador-protagonista no Brasil. Além disso, também é explicitado o modo como Baum utiliza esse cenário remoto nos trópicos para tratar de temas como a emancipação feminina e a homossexualidade.

Palavras-chave: Cuiabá. Discurso colonial. Emancipação feminina. Homossexualidade. Frank Baum.

7

Introdução

Em seu primeiro livro de aventuras para adultos, *The fate of a crown* (1905), Frank Baum, mais famoso por sua ficção infanto-juvenil, que incluía *O maravilhoso mágico de Oz* (1900), elegeu Cuiabá como o cenário de uma intriga política que culmina com a Proclamação da República do Brasil em 1889. Teria sido mais natural talvez assumir como centro dos acontecimentos ficcionais o Rio de Janeiro, que era então a capital do Império e que foi, na realidade, o palco principal dos eventos que levaram ao fim da monarquia no país. Mas a escolhida de Baum foi mesmo a remota e na época bastante desconhecida capital mato-grossense, por motivos que ainda permanecem não revelados.

Contudo, assim como Oz, a Cuiabá de Baum também tem muito de imaginária. Elegendo como narrador-protagonista um jovem norte-americano que se desloca de Nova Orleans, no sul dos Estados Unidos, até Cuiabá, Baum parece ter baseado suas descrições da cidade numa ausência, numa falta de relatos de primeira mão sobre ela. Os acontecimentos envolvendo os personagens acontecem, em sua maior parte,

numa fazenda, e não há menção ao centro da cidade. A descrição dos arredores dessa propriedade também é realizada de forma rápida e um tanto estereotipada, sem que seja formada uma identidade visual característica da paisagem cuiabana.

Ainda assim, Baum tece todo um discurso colonial sobre o Brasil, evidenciando a influência decisiva da América do Norte e dos norte-americanos no desenvolvimento dos eventos políticos do país, mesmo que tudo pareça ocorrer abaixo da superfície. Como toda perspectiva colonial, a visão do Brasil apresentada no romance é baseada em estereótipos negativos. Mas há elementos que parecem contradizer esse reducionismo. Meu objetivo é demonstrar que o discurso colonial presente nessa obra altera-se substancialmente a partir das experiências que o narrador-protagonista adquire no Brasil. Além disso, pretendo explicitar que Baum aproveitou-se desse longínquo cenário nos trópicos para explorar temas espinhosos para um autor popular como ele na época: a emancipação feminina e a homossexualidade.

Edward Said (2008) designou como Orientalismo o conjunto de representações que os ocidentais, sobretudo os ingleses e os franceses, realizaram a respeito do Oriente, uma de suas imagens mais antigas e recorrentes de alteridade, principalmente entre o século XVIII e a primeira metade do XX. Said entende que esses discursos não se baseiam simplesmente em observações, tendo sido capazes, de forma disciplinar e sistemática, de produzir construções ideológicas, políticas, sociológicas, militares, científicas e imaginativas (ou artísticas) em torno do Oriente.

O Orientalismo pressupõe o domínio sobre as terras orientais. Suas representações e discursos não são neutros, mas participam da estratégia política de posicionar o Oriente e os orientais numa situação de inferioridade em relação ao Ocidente e aos ocidentais. Dessa forma, o Orientalismo funcionaria como uma justificativa para a dominação e exploração exercidas sobre esses lugares e povos. Em *Orientalismo*, Said circunscreve seu estudo das questões orientalistas principalmente à experiência que ingleses, franceses e, em menor grau, americanos tiveram dos árabes e do Islã, enfocando, sobretudo, o Oriente Médio e o Norte da África. Ele ainda não se volta para outras regiões orientais, como a Índia, a China e o Japão, e nem para as regiões não orientais que também passaram pelo jugo do imperialismo e da colonização europeia, como as Américas, a África subsaariana e a Oceania, das quais

irá tratar em sua obra posterior, *Cultura e imperialismo*, publicada pela primeira vez em 1993.

Acredito, contudo, que é possível estender para a América Latina muito da análise de Said porque, ainda que essa região não integre o que costumeiramente chamamos de Oriente, ela e as populações que a habitam também foram e ainda são alvo de discursos e representações por parte de estrangeiros, com vistas a controlá-las e dominá-las, discursos que são coloniais, portanto, em suas bases. Miguel Nenevé (2011) também parece vislumbrar essa possibilidade. Ele analisa as representações da Amazônia em autores ingleses e norte-americanos, como George Monbiot, em *Amazon watershed* (1991), Andrew Revkin, em *The burning season* (1990), e A. Shoumatoff, em *The world is burning* (1991), tentando desvendar como essas obras apresentam interesses coloniais. De acordo com Nenevé, é “possível afirmar que, para satisfazer a necessidade de ‘controlar’ e manter a autoridade do ‘Primeiro Mundo’ sobre a Amazônia, é necessário construir um discurso sobre o homem, a cultura e o comportamento da região” (NENEVÉ, 2011, p. 102, tradução nossa). Assim como acontecia com o corpo de textos orientalistas examinados por Said, esse discurso a respeito da Amazônia investigado por Nenevé também se baseia numa ideia de inferiorização dos objetos retratados, com o objetivo de forjar uma naturalização da subjugação.

Mary Louise Pratt (1999) estabelece o conceito de “zonas de contato” para designar os espaços geográficos e sociais em que “culturas díspares se chocam, se entrelaçam uma com a outra, frequentemente em relações extremamente assimétricas de dominação e subordinação” (PRATT, 1999, p. 27). A zona de contato de Pratt é então o lugar em que se desenham desigualdades por vezes violentas, mas também o local da negociação de significados e modos de vida, da tradução entre valores culturais diferentes. A Cuiabá de Baum acaba se constituindo, então, numa zona de contato, em que se delineia uma oposição entre Brasil e Estados Unidos. No início, a balança parece pender para os Estados Unidos, com o Brasil e a população brasileira sendo traduzidos por meio de estereótipos negativos e redutores. Mas algumas particularidades no modo desse narrador-viajante enxergar o Brasil e no próprio fato de ele ser norte-americano (e não europeu) fazem com que essa situação se altere.

1 Um norte-americano no Brasil

Robert Harcliffe é o sócio-herdeiro de uma companhia que mantém negócios rendosos com o Brasil. A sede da empresa se localiza em Nova Orleans, capital do estado da Louisiana e uma das cidades americanas com a maior porcentagem de habitantes negros. Nos Estados Unidos, a emancipação dos escravizados foi proclamada em 1863, cerca de 26 anos, portanto, antes do período em que se passa o romance de Baum. Nova Orleans foi a princípio isentada de cumprir a lei até a promulgação da 13ª. Emenda da Constituição dos Estados Unidos em 1865, que ratificava a emancipação. Na moldura temporal de *The fate of a crown*, a cidade está enfrentando o problema da absorção desse contingente populacional de ex-escravizados, agora livres, em sua sociedade, algo que não ocorreu sem conflitos e preconceitos. Em anos anteriores, ela também tinha recebido um grande número de imigrantes haitianos em decorrência da Revolução Haitiana, o que contribuiu para aumentar o número de negros livres entre os seus moradores. Em certa medida, é possível pensar que a grande população negra da cidade e as suas demandas de reconhecimento devem ter exercido alguma influência nas decisões futuras de Harcliffe, como veremos.

De qualquer forma, ele é instado por seu tio, o presidente da companhia, a viajar para o Brasil, já que um antigo cliente, Dom Miguel de Pintra, necessitava de um secretário de confiança que o auxiliasse em suas atividades, inclusive na qualidade de líder do movimento revolucionário que pretendia estabelecer um governo republicano no Brasil. Seu tio lhe informa que De Pintra “crê poder confiar num americano que não tem nenhum pendor por monarquias e nenhum motivo para simpatizar com qualquer causa, além da sua própria” (BAUM, 1905, p. 12, tradução nossa).¹ Nesse trecho, já é possível perceber o estabelecimento de uma oposição entre brasileiros e estadunidenses: enquanto os primeiros seriam mais afeitos aos regimes autoritários e só apoiariam alguma causa em troca de favores, os segundos tenderiam a apoiar o estado liberal por ser o que menos interfere em seus negócios.

¹ No original: “believes he could trust an American who has no partiality for monarchies and no inducement to sympathize with any party but his own”.

Uma assimetria semelhante é identificada por Said (1999) no romance *Nostramo* (1904) de Joseph Conrad. Essa obra se passa numa república da América Central, tendo na mineração de prata um ponto de convergência para interesses estrangeiros, sobretudo dos norte-americanos, que, segundo Said, são retratados como pessoas que nutrem um paternalismo imperialista em relação aos seus contrapartes do Sul. Para Said, Conrad representa a América Latina como estando à mercê da arrogância, triunfalismo e crença na própria superioridade dos norte-americanos. De acordo com essa visão, Conrad não parece perceber que ela, a Índia e a África “também possuíam vidas e culturas com identidades não totalmente controladas pelos [...] imperialistas gringos deste mundo” (SAID, 1999, p. 19).

Baum retrata, no início de seu romance, o mesmo auto-engrandecimento e condescendência superior norte-americana, mas, ao contrário de Conrad, parece vislumbrar ao final a possibilidade de uma verdadeira emancipação para o Brasil. A imagem que se forma em sua narrativa é a de que os brasileiros serão capazes de gerir sua nação de forma razoavelmente independente. Isso talvez aconteça porque o narrador Harcliffe e o próprio Baum são norte-americanos e não britânicos. Enquanto a literatura colonial britânica procurava justificar a ocupação e o estabelecimento de colônias em outras terras, no caso da sociedade americana, o que está em jogo é muito mais uma questão puramente econômica. A instalação de aparatos administrativos alhures não é mais um empreendimento lucrativo. Mas as relações comerciais com as elites governantes das nações recém-emancipadas podem ainda o ser. E os americanos sabem bem disso.

Mas essa pode ser também apenas uma questão de época. Tendo sido escrito na primeira década do século XX, o romance de Baum retrata um momento em que o imperialismo colonialista já dava sinais de esgotamento e um neoimperialismo econômico e cultural estava ascendendo no horizonte. Os Estados Unidos estavam prestes a assumir, então, o centro do palco dos negócios internacionais, substituindo o papel que potências europeias como a Grã-Bretanha tinham desempenhado anteriormente.

A bordo de um navio rumo ao Rio de Janeiro, Harcliffe conhece um brasileiro chamado Manuel Cortes de Guardé, que vai se revelar um defensor da monarquia e um espião do Imperador cujo nome verdadeiro é Valcour:

Ele amava falar e eu amo ouvir, especialmente quando posso reunir informações ao fazer isso, e de Guarde parecia conhecer o Brasil perfeitamente e se deliciar em descrevê-lo. Percebi que ele nunca tocava em política, mas a partir de sua conversa adquiri um conhecimento considerável do país que estava prestes a visitar.

Durante o jantar ele tagarelava continuamente em seu suave patoá português, e os outros passageiros, menos de uma dúzia em número, pareciam contentes de permitir que ele monopolizasse a conversa (BAUM, 1905, p. 19, tradução nossa).²

Esse parece ser um dos poucos momentos na narrativa em que a questão linguística é mencionada. No restante do texto, a diferença entre inglês e português é praticamente ignorada, e os personagens interagem numa mesma língua, representada, na escrita, pelo inglês. Como Harcliffe está cada vez mais em contato com os brasileiros, principalmente depois de desembarcar no país, o mais provável é supor que esse intercâmbio se dê em português. Isso o coloca numa posição vantajosa em relação aos seus interlocutores, já que domina fluentemente o idioma deles, sem que haja sinal de que eles saibam, por sua vez, comunicar-se em inglês. A desenvoltura de Harcliffe no português não é, de forma alguma, problematizada, e não são retratados momentos de equívoco ou falta de entendimento linguístico, comuns nas interações entre falantes nativos de línguas diferentes.

Analisando o romance *Kim* (1901) de Rudyard Kipling, Robert Fraser (2000) identifica nele uma maneira de tratar a diversidade linguística dos personagens através de um inglês homogêneo e soberano e a nomeia de “método do bazar”. Kim, o protagonista anglo-irlandês do livro, é capaz de se comunicar com uma infinidade de indianos falantes de diversas línguas nativas como alguém que compreende perfeitamente a algazarra ruidosa dos vendedores de um bazar. Os próprios indianos muitas vezes soam ininteligíveis uns para os outros e precisam que Kim atue como um

² No original, “*He loved to talk, and I love to listen, especially when I am able to gather information by so doing, and de Guarde seemed to know Brazil perfectly, and to delight in describing it. I noticed that he never touched on politics, but from his general conversation I gleaned considerable knowledge of the country I was about to visit. During dinner he chattered away continually in his soft Portuguese patois, and the other passengers, less than a dozen in number, seemed content to allow him to monopolize the conversation*”.

mediador, um tradutor entre eles. Para Fraser, o efeito conseguido com esse procedimento é a sensação de que os britânicos “possuem” todas as outras línguas (já que Kim sabe falar cada uma delas), estando numa posição linguística superior, que espelha a sua condição de dominadores dos indianos. Além disso, o próprio fato de o romance ser escrito em inglês, sem espaço para as demais línguas e sem que a diferença entre elas interrompa a homogeneidade do texto, também sinaliza a hierarquização linguística dos britânicos.

No romance de Baum, não existe essa infinidade de falares nativos. O meio de interação entre os personagens é exclusivamente o português, que todos são capazes de compreender. Isso certamente impede que se forme a analogia proposta por Fraser de um bazar de vozes que se sobrepõem. Mas o inglês ainda parece estar numa posição de superioridade, possibilitada pela escolha do veículo em que se dá a narrativa e também pelo domínio perfeito que o norte-americano tem do português. Outra evidência de que a língua dos brasileiros é vista como inferior surge no fato de o português de De Guarde/Valcour ser chamado de “patoá”, que significa um dialeto, uma forma “decaída” ou “crioulizada” de uma língua padrão.

A viagem de navio chega ao fim, não sem que algumas peripécias ocorram e que Harcliffe possa demonstrar toda a sua astúcia, enganando os espiões colocados a bordo para interceptá-lo. Nessa sua sagacidade, vislumbram-se mais uma vez a preeminência dos norte-americanos – mais espertos que todos os outros – e a influência marcante deles no desenrolar dos assuntos locais. Ao conseguir escapar ileso de seus perseguidores, Harcliffe evita que o movimento revoltoso dos brasileiros seja abortado ou sofra um importante revés. Tudo leva a crer que sua presença é imprescindível para que De Pintra e seus aliados sejam bem-sucedidos na deposição que almejam do regime monárquico e na implantação da república.

Passando rapidamente pelo Rio de Janeiro, onde presencia um assassinato por parte dos rebeldes, Harcliffe segue de trem para Cuiabá, onde De Pintra reside. A facilidade de se viajar de trem da capital do Império para Cuiabá e vice-versa, que aparece a todo instante na narrativa, provavelmente está em desacordo com o que acontecia em realidade na época, quando os meios de transporte até o Mato Grosso não eram tão desenvolvidos e eficientes. Mas, em seu mundo ficcional, Harcliffe faz

uma viagem agradável e rápida. Durante seu deslocamento, ele tem chance de refletir sobre a natureza dos brasileiros e de sua nação:

Esse partido revolucionário deve realmente ser formado por homens desesperados e inescrupulosos, que não hesitam diante de crime nenhum na defesa de seus interesses. Se os monarquistas fossem apenas a metade tão cruéis, eu havia me aventurado num verdadeiro ninho de víboras (BAUM, 1905, p. 38, tradução nossa).³

Mas eu já sabia que o Brasil era um país perigoso que abrigava um povo violento e de cabeça quente. Era uma viagem triste e longa enquanto subíamos os trilhos que levavam aos planaltos do interior. Porém, a paisagem estava lindamente verde e tranquila sob o firme brilho do sol, e gradualmente minha aflição passou e me deixou mais composto (BAUM, 1905, p. 40, tradução nossa).⁴

Nesses trechos, os brasileiros são descritos como desesperados, inescrupulosos, cruéis e violentos. O fato de Harcliffe não ter tido tempo de conhecer uma quantidade suficiente de brasileiros que talvez o autorizasse a tecer esse tipo de generalizações é uma questão que nem lhe passa pela cabeça. Dessa forma, assim como ocorria nos discursos orientalistas, essa representação que ele faz dos brasileiros não é baseada em sua observação, parecendo ser, ao contrário, sustentada por ideias preconcebidas a respeito da terra e do povo com quem está travando contato. Ao abordar o estudo do Orientalismo realizado por Said, John McLeod (2000) ressalta a ideia de binarismo ou dicotomia desigual, que está sempre presente nas representações orientalistas: o “Oriente é frequentemente descrito de acordo com uma série de termos *negativos* que servem para alicerçar a noção da superioridade e força do Ocidente” (McLEOD, 2000, p. 41, tradução nossa, grifo do original). Harcliffe, na qualidade de narrador-protagonista, também nos oferece representações do Brasil e dos brasileiros marcadas

³ No original, “Truly this revolutionary party must be formed of desperate and unscrupulous men, who hesitated at no crime to advance their interests. If the royalists were but half so cruel I had indeed ventured into a nest of adders”.

⁴ No original, “But already I knew that Brazil was a dangerous country and sheltered a hot-headed and violent people. It was a long and dreary ride as we mounted the grade leading to the tablelands of the interior. Yet the country was beautifully green and peaceful under the steady glare of the sun, and gradually my distress passed away and left me more composed”.

por aspectos negativos e estereotipados, enfatizando, sobretudo, a violência e o caráter interesseiro e corruptível de seu povo.

Mas parece ocorrer uma mudança de percepção quando Harcliffe finalmente conhece De Pintra, o líder dos revoltosos:

Seu traje era um terno preto simples e bem ajustado, completado por um linho irrepreensível. Tomado por inteiro, Dom Miguel parecia um modelo da velha escola de sofisticação, que pode ser reconhecida tão rapidamente no Brasil quanto na Inglaterra, França ou América. Na verdade, parecia um absurdo conectar essa figura eminentemente respeitável com revoluções, assassinatos e intriga, e eu recobrei o ânimo assim que coloquei os olhos em seu agradável rosto (BAUM, 1905, p. 47, tradução nossa).⁵

Harcliffe se sente aliviado ao se encontrar com De Pintra provavelmente porque reconhece nele um semelhante. O brasileiro é percebido por ele como um exemplar da “velha escola de sofisticação” internacional, o que significa que é alguém que segue padrões de comportamento aristocráticos, elitistas. Assim, o reconhecimento entre os dois parece envolver o pertencimento de ambos à mesma classe. Além de ressaltar o modo de vestir “irrepreensível” do brasileiro, Harcliffe também percebe, logo de imediato, que De Pintra é um rico senhor de terras, dono de “uma propriedade ainda mais vasta do que as circundantes” e de uma “antiga e bela mansão” (BAUM, 1905, p. 45-6, tradução nossa).⁶ Nesse sentido, De Pintra parece ter sido considerado por Harcliffe como um “bom nativo brasileiro”, justamente por pertencer à classe mais abastada do país.

Na mansão em Cuiabá, Harcliffe ainda conhece Lesba Paola, uma moça bonita, branca, loira e de olhos azuis por quem se sente imediatamente atraído. A presença dessa jovem não é importante apenas porque sinaliza a inserção do par romântico nesse romance de aventura nos trópicos. Lesba é uma das revolucionárias mais

⁵ No original, “His dress was a suit of plain, well-fitting black, supplemented by irreproachable linen. Taken altogether, Dom Miguel appeared a model of the old school of gentility, which may be as quickly recognized in Brazil as in England, France or America. Indeed, it seemed an absurdity to connect this eminently respectable personage with revolutions, murders, intrigue, and my spirits rose the moment I set eyes upon his pleasant face”.

⁶ No original, “an estate rather more extensive than its neighbors” e “fine old mansion”.

combativas e, no desenrolar da história, será inclusive capaz de diversos atos heróicos. Sabemos que Baum era um defensor da emancipação e do voto das mulheres. Então, a agência feminina só poderia ser considerada por ele como algo positivo. Se as mulheres são ativas assim no Brasil, esse não pode ser um lugar tão ruim, é o que parece sugerir através da voz autoral implícita no romance. Contudo, há um certo desnível entre a posição desse autor implícito e a visão que seu narrador-protagonista deixa entrever em sua narração. Em seu primeiro contato com Lesba, Harcliffe só consegue ver nela sinais de recato e timidez, que a moça provavelmente não apresenta de fato, como revelam suas atitudes posteriores de bravura e até mesmo ousadia. Encantado por sua beleza, Harcliffe só consegue enxergá-la através do estereótipo da mulher bonita e frágil. Esse modo de ver as mulheres será desmontado até o fim da narrativa, e Harcliffe será surpreendido pela personalidade e comportamento de Lesba, sem que isso atrapalhe seus sentimentos em relação a ela. Ao contrário, sua coragem e desempenho arrojado parecem tornar Harcliffe ainda mais apaixonado.

O irmão de Lesba, Francisco Paola, outro importante líder da causa revolucionária, é descrito, por sua vez, por meio de estereótipos bastante pejorativos:

Seu corpo magro estava vestido de uma maneira dandificada que era quase ridícula, e a afetação do sujeito era algo impressionante. Um pouco mais velho do que sua encantadora irmã, seus traços não eram desprovidos de uma certa beleza afeminada, da qual ele parecia completamente ciente. Imediatamente o considerei um arrogante vaidoso e não tive dúvidas de que iria se revelar um desmiolado quase insuportável. Mas Dom Miguel o apresentou com tanta deferência que não pude ser descortês com o jovem dândi (BAUM, 1905, p. 56).⁷

Harcliffe equipara imediatamente os traços mais afeminados ou delicados de Paola a atributos negativos, como “arrogante”, “vaidoso”, “desmiolado” e

⁷ No original, “*His thin form was dressed in a dandified manner that was almost ludicrous, and the fellow’s affectation was something amazing. Somewhat older than his bewitching sister, his features were not without a sort of effeminate beauty, of which he seemed fully aware. At once I conceived him to be a mere popinjay, and had no doubt he would prove brainless and well-nigh insufferable. But Dom Miguel introduced Paola with grave courtesy and showed him so much deference that I could not well be ungracious to the young dandy.*”

“insuportável”. Mais uma vez transparece uma divergência de posicionamento entre o narrador e o autor implícito. *The fate of a crown* parece ser um romance em que Baum desejava explorar tanto quanto possível o tema da homossexualidade. Nesse caso, não poderia ser um motivo tão negativo na tessitura narrativa. Apenas o narrador Harcliffe enxerga essa questão por um prisma não favorável. Mas os eventos ficcionais irão concorrer para demonstrar que ele está equivocado em seu julgamento. De qualquer forma, é sobretudo no comportamento de Paola e no seu relacionamento com Valcour que vão surgir alguns conteúdos homossexuais no romance, sempre de forma velada e intrigante.

Com o contato frequente com De Pintra e seus aliados, a opinião de Harcliffe a respeito dos defensores da causa republicana se altera substancialmente:

Homens fortes eram esses líderes republicanos, alertas, corajosos, vigilantes ao servir a Causa pela qual arriscavam suas vidas e fortunas. Um a um eu fui conhecendo e admirando, e eles falavam livremente na minha presença e confiavam em mim. Através da minha relação com esses campeões da liberdade, meu horizonte começou a se alargar, melhor se ajustando, assim, aos meus deveres (BAUM, 1905, p. 74, tradução nossa).⁸

Assim, vai se formando em Harcliffe uma visão mais positiva a respeito dos brasileiros, sobretudo daqueles partidários da república. Se antes eram vistos praticamente como selvagens sanguinários, passam a ser percebidos como homens corajosos e admiráveis, dispostos a arriscar a vida (e a fortuna) pela liberdade do país. Harcliffe continua se considerando, contudo, uma espécie de consciência superior à qual os brasileiros fazem bem em confiar. Ainda que não seja brasileiro e não tenha interesse direto na causa revolucionária, ele relata transitar por entre os rebeldes sem despertar desconfiança ou mesmo cautela. Porém, o mais importante parece ser o fato de que já se desenha, em suas percepções, a noção de que há uma alternativa

⁸ No original, “*Strong men were these republican leaders; alert, bold, vigilant in serving the Cause wherein they risked their lives and fortunes. One by one I came to know and admire them, and they spoke freely in my presence and trusted me. Through my intercourse with these champions of liberty, my horizon began to broaden, thus better fitting me for my duties.*”

independente para o Brasil, um caminho fora do controle de outros povos, diferentemente do que Said identificou em Conrad.

A má impressão continua apenas em relação a Paola, que “sempre parecia afetado, frívolo e absurdo como no dia em que o conheci” (BAUM, 1905, p. 74, tradução nossa).⁹ Permanece sendo incompreensível para Harcliffe que Paola seja tão respeitado pelos outros revoltosos. Ele demonstra dificuldade de aceitar que um homem assim poderia ser ainda um valoroso defensor da causa revolucionária. Nesse sentido, qualquer tendência homossexual, se de fato houver, é entendida como uma mancha moral que não se coaduna com a coragem necessária para empreender a luta pela libertação. Mas Harcliffe escolhe manter em relação a Paola uma tolerância distante, alegadamente em nome da consideração que o rapaz experimenta em seu meio. Ele já havia percebido, no entanto, que “a Revolução estava sendo apoiada pela fina flor da nobreza brasileira” (BAUM, 1905, p. 87, tradução nossa).¹⁰ E até mesmo o objeto de seus afetos, Lesba, “oriunda do sangue mais azul que havia em toda aquela terra, tinha grande influência em despertar, nas famílias que visitava, um desejo sincero pela república” (BAUM, 1905, p. 87, tradução nossa).¹¹ Portanto, é inegável que sua mudança de atitude tem muito a ver com a classe dos rebeldes. Harcliffe parece acreditar que o levante está destinado ao sucesso porque se trata principalmente de um movimento orquestrado pela elite. Nesse sentido, talvez não seja arriscado afirmar que a origem aristocrática de Lesba e seu irmão foi provavelmente o que tornou possível a Harcliffe fazer vistas grossas ao caráter afeminado do rapaz.

No dia do levante que vai finalmente transformar o Brasil numa república, ocorre uma briga entre Paola e Valcour:

_ Traidor! Ao soltar esses pássaros você acendeu a tocha da rebelião; essa chama terrível que é capaz de varrer toda essa terra e consumir tanto monarquistas quanto republicanos.
Paola, dessa vez sem o sorriso sarcástico no rosto, olhou para seu acusador com evidente admiração.
_ Você é maravilhosamente inteligente, meu caro Valcour – disse ele, lentamente – Você tem sagacidade; você tem um

⁹ No original, “he seemed as simpering, frivolous, and absurd as on the day I first met him”.

¹⁰ No original, “the Revolution was being backed by the flower of Brazilian nobility”.

¹¹ No original, “sprung from the bluest blood in all the land, had great influence in awakening, in those families she visited, an earnest desire for a republic”.

juízo claro; não tem equivalente no Brasil. Que pena, meu amigo, que você não é um de nós. [...] Valcour corou até a raiz de seus cabelos. _ Odeio você – ele gritou, batendo seus pés com paixão (BAUM, 1905, 204-5, tradução nossa).¹²

Essa não parece ser uma altercação entre inimigos, mas sim um diálogo entre amantes contrariados. Ao corar, gritar e bater os pés, Valcour está reagindo com uma passionalidade que, no período, seria mais esperada de uma mulher. O entusiasmo com que Paola o elogia também revela uma intensidade de sentimentos mais condizente com um coração apaixonado. Então, o tema do relacionamento homossexual entre os dois homens continua sendo sustentado na narrativa e de forma cada vez mais evidente, mas também intrigante, como se houvesse algo ainda a ser revelado na situação. Essa tensão atinge seu ponto máximo quando os revoltosos têm que enfrentar as tropas leais à monarquia em Cuiabá. Após a rendição, De Pintra acaba sendo executado, mas quando chega a vez de Paola enfrentar o fuzilamento, Valcour se lança em sua frente e recebe a bala que lhe era destinada. Nesse momento,

Paola [...] [t]omando uma das mãos delgadas do espião nas suas, apertou-a em seu peito e disse num tom trêmulo: _ Olhe para mim, meu amor! Olhe para mim, eu imploro. É Francisco – você sabe quem eu sou? Você morreu, Valcour? Você morreu? (BAUM, 1905, p. 285-6, tradução nossa).¹³

Nessa passagem, a discussão em torno do conteúdo homossexual parece atingir seu momento mais intenso, mas também já começa a ser “resolvida”. As “mãos delgadas” do espião, juntamente com seu comportamento histérico na cena anterior, permitem que se entreveja o seu verdadeiro sexo. A suspeita de que Valcour é, afinal, uma mulher é confirmada quando Lesba, que chegava com o socorro das tropas

¹² No original, “‘Traitor! In setting free these birds you have fired the torch of rebellion; that terrible flame which is liable to sweep the land, and consume royalist and republican alike!’ Paola, the sneering smile for once gone from his face, gazed at his accuser with evident admiration. ‘You are wonderfully clever, my dear Valcour,’ said he, slowly. ‘You have wit; you have a clear judgment; your equal is not in all Brazil. What a pity, my friend, that you are not one of us!’ [...] Valcour flushed to the roots of his hair. ‘I hate you,’ he cried, stamping his foot with passion”.

¹³ No original, “[...]Paola [...] [t]aking one of the spy’s slender hands in both his own he pressed it to his heart and said in trembling tones: ‘Look up, sweetheart! Look up, I beg of you. It is Francisco – do you know me? Are you dead, Valcour? Are you dead?’”.

republicanas, debruça-se sobre seu corpo para examinar seu ferimento. Na blusa entreaberta de Valcour, Harcliffe vislumbra aquilo que já se tornou evidente: “porém, o peito nu não me revelou nada, pois eu já sabia que Valcour era uma mulher” (BAUM, 1905, p. 286, tradução nossa).¹⁴ O relacionamento entre ela e Paola não é, portanto, homossexual, e o mais provável é que a revelação de seu sexo seja uma surpresa apenas para Harcliffe e o leitor. Paola demonstra já ter conhecimento anterior do fato, o que não coloca em xeque a sua masculinidade. Tudo parece providencialmente solucionado, e a ordem é restaurada, a não ser por uma suspeita que agora se forma em relação a Lesba.

Ao viajar anteriormente para o Rio de Janeiro numa das inúmeras reviravoltas do romance, Harcliffe vislumbra Lesba numa carruagem, na companhia de Valcour, que parece estar “derramando doces palavras em seus ouvidos” (BAUM, 1905, p. 146, tradução nossa).¹⁵ Nesse momento, Harcliffe desconfia que Lesba esteja tendo um caso com Valcour e, conseqüentemente, traíndo a causa revolucionária, revelando ao suposto amante monarquista os segredos dos revoltosos. Com a descoberta posterior de que Valcour é, na realidade, uma mulher, a cena da estranha proximidade entre as duas no Rio de Janeiro parece adquirir novos contornos, com o delineamento de um conteúdo homossexual feminino. O próprio nome de Lesba, que não é comum no Brasil, parece autorizar essa leitura, já que nos remete às habitantes da ilha grega de Lesbos, berço da poetisa Safo, que escreveu poemas amorosos dedicados a outras mulheres, derivando-se daí a palavra “lésbica”. O intrigante é que esse conteúdo não parece ser tão facilmente resolvido e algo paira no ar até o final da narrativa. Isso não impede, contudo, que Harcliffe veja em Lesba uma adequada futura esposa.

Depois do embate entre revolucionários e monarquistas, a rebelião é vitoriosa. Harcliffe, então, reflete sobre o papel de Cuiabá nesses eventos: “aqui nesse isolado casarão, cercado pela única carnificina que a Revolução havia envolvido, jazia imóvel para sempre o grande coração que havia dado à sua terra natal o direito da Liberdade” (BAUM, 1905, p. 290, tradução nossa).¹⁶ Cuiabá se caracteriza por ser, portanto, o local

¹⁴ No original, “[t]he bared breast revealed nothing to me, however; for already I knew that Valcour was a woman”.

¹⁵ No original, “pouring soft speeches into her ears”.

¹⁶ No original, “here in this isolated cottage, surrounded by the only carnage the Revolution had involved, lay stilled forever that great heart which had given to its native land the birth-right of Liberty”.

mais heroico do movimento republicano, onde teria sido realizado o seu único derramamento de sangue e teriam tombado seus raros mártires. Porém, esse é um expediente ficcional. A cidade real não teve papel ativo no estabelecimento da república e também não produziu seus heróis. Na verdade, a própria proclamação do regime republicano no Brasil parece se aproximar mais de um golpe do que de uma verdadeira revolução. Em grande medida, a instalação da república representou apenas a expulsão da família imperial do Brasil, mantendo o poder nas mãos da classe dominante de grandes proprietários de terras.

Dias mais tarde, Lesba aceita se casar com Harcliffe. O casal iria permanecer no Brasil apenas por mais cinco anos, findos os quais retornariam aos Estados Unidos, onde Harcliffe assumiria a direção dos negócios da família. Mas houve uma mudança de planos:

O limite de cinco anos se expirou há muito tempo, mas eu nunca fui capaz de separar completamente meus interesses daqueles do Brasil, e, embora nossos invernos sejam normalmente passados em Nova Orleans, onde o tio Nelson continua sendo o chefe vigoroso de nossa companhia, é no ensolarado Brasil que minha esposa e eu amamos mais viver (BAUM, 1905, p. 306, tradução nossa).¹⁷

Sabemos que Harcliffe é um homem de negócios bastante prático. Então, sua decisão de permanecer no Brasil não deve ter se baseado realmente em motivos sentimentais. Como “a maior parte da fortuna da família Harcliffe foi feita” no Brasil, é de se supor que o país continuasse sendo um local de empreendimentos lucrativos, permitindo que Harcliffe aumentasse ainda mais o seu patrimônio (BAUM, 1995, p. 21, tradução nossa).¹⁸ O casamento com Lesba certamente contribuiu para colocá-lo numa situação ainda melhor, já que a moça era órfã de uma abastada família, ou seja, herdeira de uma grande fortuna. Além do mais, De Pintra morreu sem deixar herdeiros e não parece absurdo pensar que sua protegida Lesba, que inclusive o chamava de tio, possa ter recebido a sua herança. Todas essas parecem ser razões suficientes para

¹⁷ No original, “*The five-year limit expired long since; but I have never been able to fully separate my interests from those of Brazil, and although our winters are usually passed in New Orleans, where Uncle Nelson remains the vigorous head of our firm, it is in sunny Brazil that my wife and I love best to live.*”

¹⁸ No original, “*the greater part of the Harcliffe fortune has been made*” [in Brazil].

explicar por que o Brasil se converteu num lugar tão interessante para Harcliffe, um norte-americano abonado e com excelente tino comercial, a ponto de fazê-lo preferir viver aqui a qualquer outro lugar no mundo. Afinal, o lar de um bom capitalista é o lugar em que ele pode ganhar mais dinheiro.

2 Outras considerações

Resta examinar talvez os apagamentos ou ausências que transparecem nas entrelinhas de *The fate of a crown*. O primeiro apagamento está envolvido, como dissemos, na representação de Cuiabá. Nesse romance, as descrições do espaço circundante são escassas, rápidas e baseadas em percepções que parecem bastante genéricas, como é possível observar nos seguintes trechos:

A província de Mato Grosso é muito bonita, com as residências lembrando bastante as propriedades rurais inglesas, a não ser pela arquitetura, que segue rigidamente o padrão português. Pelo menos meia milha separava as mansões umas das outras, e os jardins eram artisticamente planejados e aparentemente bem cuidados. Nessa estação, a rica e luxuriante folhagem do Brasil estava no auge e, acima de tudo, pairava uma atmosfera encantadora de paz que era bastante reconfortante (BRAUM, 1995, p. 45, tradução nossa).¹⁹

Uma criada trouxe o meu almoço numa bandeja e, depois de comer, eu saí para um passeio pelos jardins, aproveitando a fragrância e o brilho das flores, a beleza dos arbustos e as fileiras de árvores imponentes e antigas (BRAUM, 1995, p. 51, tradução nossa).²⁰

No primeiro excerto, as residências cuiabanas são descritas através da comparação com um cenário mais conhecido do autor e seus conterrâneos: o mundo

¹⁹ No original, "*The province of Matto Grosso is very beautiful, the residences reminding one greatly of English country states, except that their architecture is on the stiff Portuguese order. At least a half-mile separated the scattered mansions from one another, and the grounds were artistically planned and seemingly well cared for. At this season, the rich, luxuriant foliage of Brazil was at its best, and above all brooded a charming air of peace that was extremely comforting*".

²⁰ No original, "*A servant brought my luncheon on a tray, and after eating it I started for a stroll through the grounds, enjoying the fragrance and brilliance of the flowers, the beauties of the shrubbery, and the stately rows of ancient trees*".

das mansões e propriedades rurais inglesas. Esse espaço havia sido marcado na imaginação dos leitores de língua inglesa pela longa tradição de romances vitorianos em que personagens oriundos da *gentry* (aristocracia rural inglesa) transitavam pelos relvados e espaços encerrados dessas grandes casas e seus domínios. Autores como Jane Austen e as irmãs Charlotte, Emily e Anne Brontë, entre tantos outros, foram os responsáveis por imprimir nas mentes de seus leitores as imagens de lugares como Mansfield Park, Thornfield Hall, Wuthering Heights e Wildfell Hall. Em Cuiabá, com sua paisagem característica do cerrado mato-grossense, a configuração das moradias era, no entanto, outra. Essa discrepância parece ser revelada no próprio trecho em questão, quando o narrador se apressa a acrescentar que o estilo português era o diferencial dessa arquitetura. Mas isso pode ter sido apenas um palpite, surgido do conhecimento prévio de que o Brasil havia sido colonizado pelos portugueses. De qualquer forma, a descrição é realizada de forma apressada, sem que se concretize a visualização dos detalhes do que seria a zona rural cuiabana na época.

O mesmo parece acontecer no segundo trecho, em que nada da natureza retratada parece ser característico de Cuiabá. O narrador menciona flores, arbustos e árvores, mas não os nomeia. Não sabemos se fazem parte da vegetação típica da cidade. Podem ser quaisquer plantas e folhagens. Configura-se, assim, um espaço circundante pintado através de pinceladas rápidas e sem contornos definidos. O narrador é bem sucedido na sugestão de uma ambientação rural, mas apenas com base em imagens simples e recorrentes, pertencentes ao senso comum da cultura ocidental.

Qual é a implicação desse apagamento da identidade espacial e arquitetônica de Cuiabá na narrativa? A primeira resposta que nos vem à mente para essa pergunta é que esse procedimento indica muito seguramente que Baum desconhecia a cidade e também não tinha em mãos relatos de primeira mão fornecidos por outras pessoas. Ainda que seu narrador-protagonista seja um viajante a Cuiabá, essa carência de detalhes físicos parece proporcionar a criação de um olhar estrangeiro, mas ausente. Por mais paradoxal que possa parecer essa combinação de atributos, a figura de um viajante ausente é o que está na base das representações contidas em *The fate of a crown*, o que certamente contribui para forjar uma visão estereotipada e um tanto fantasmagórica (no sentido de não encarnada, não concreta) do espaço ficcional.

Outro apagamento bastante relevante envolve o componente racial. Harcliffe se origina de uma cidade de maioria populacional negra, e a abolição da escravatura no Brasil tinha ocorrido há apenas um ano. No entanto, não são mencionados negros ou mestiços na narrativa, obliterando a existência de personagens mais condizentes com a diversidade racial que forçosamente podia ser vista nas ruas de Nova Orleans e Cuiabá. O foco da narração de Harcliffe são os grandes proprietários de terra brasileiros, ou seja, a elite branca de ascendência europeia que concentrava o poder político e econômico no Brasil oitocentista. Mas o fato de ele excluir os negros, indígenas e mestiços de seu relato não significa que eles não existissem naquela sociedade. Ao contrário, a riqueza desses latifundiários havia sido construída sobre a mão-de-obra escravizada, como é corriqueiramente sabido. Se a fortuna da família Harcliffe havia sido formada em seus negócios com o Brasil, parece razoável pressupor que isso envolvesse, em anos passados, o comércio de escravizados. Então, tanto Harcliffe quanto seus amigos brasileiros estavam envolvidos até o pescoço com a questão racial e escravocrata, não sendo tão natural assim evitá-la no romance.

É possível ainda que Harcliffe tivesse mais dificuldade de empreender tal apagamento em Nova Orleans, já que os descendentes livres de escravizados estavam cada vez mais buscando sua inserção na sociedade. O incômodo que isso causava nos antigos donos de escravos e na classe privilegiada se evidencia na criação, em 1876, de leis de segregação racial nos estados sulistas dos Estados Unidos, como a Louisiana, por exemplo, regulações essas que só foram eliminadas no século XX. No Brasil, ainda que a escravização já estivesse oficialmente extinta no período do romance, muito das relações sociais de poder se mantinha, e a ameaça que os negros ofereciam à sociedade branca talvez não fosse tão grande quanto era sentida pelos sulistas americanos. Isso pode ter ajudado Harcliffe a se decidir pela vida no Brasil, lugar em que poderia tranquilamente manter seus privilégios de raça e classe.

Algo no caráter do Brasil como uma sociedade ainda em formação também pode ter ajudado no desenrolar dos eventos ficcionais: “[e]m nenhum outro país, além do meio civilizado Brasil [...], poderia tal drama ter sido encenado”, conclui Harcliffe (BAUM, 1905, p. 294-5, tradução nossa).²¹ Na qualidade de país apenas “meio

²¹ No original, “[i]n no other country than half-civilized Brazil [...] could such a drama have been enacted”.

civilizado”, o Brasil tem a vantagem de possibilitar alguns tipos de comportamento que não seriam aceitos em terras “totalmente civilizadas” e, conseqüentemente, mais dominadas por rígidas normas de conduta. Um exemplo certamente é a desenvoltura mais livre e ousada das mulheres, com sua intromissão em aventuras e seu papel decisivo na própria intriga política do país. E, não sendo um local totalmente “incivilizado”, o Brasil ainda permite que se encontre nele moças corajosas e destemidas, mas brancas e provenientes das classes mais abastadas. Dessa forma, quaisquer estrangeiros ricos e bem-nascidos poderiam encontrar aqui noivas e esposas bastante adequadas.

O suposto aspecto mais livre de restrições sociais presente na sociedade brasileira parece ter favorecido ainda a discussão dos conteúdos homossexuais examinados em nossa análise. Explorar tais temas não era evidentemente uma tarefa fácil no período. O Brasil reunia em si um cenário exótico e uma sociedade já suficientemente moldada pela cultura ocidental, o que deve ter permitido que o público leitor norte-americano se sentisse simultaneamente distante e próximo do contexto da narrativa. Assim, era possível que os conterrâneos de Baum lessem sua história de conteúdo polêmico, experimentando uma certa identificação, sem que, por outro lado, um distanciamento de segurança fosse completamente abandonado. O decoro da época restringia evidentemente o tratamento que Baum podia reservar a essas questões. Ele era afinal um autor popular que havia encontrado grande sucesso de público com suas obras infanto-juvenis e não poderia comprometer sua posição. Nesse sentido, a tensão em torno dos conteúdos homossexuais é, em grande parte, desfeita através de expedientes narrativos como o mal-entendido e o disfarce.

Quanto ao discurso colonial sobre o Brasil, houve uma transformação nas percepções de Harcliffe no transcorrer de suas experiências no país. Em sua chegada, parecia estar imbuído de visões preconcebidas que o levaram a se convencer rapidamente a respeito da índole violenta e irracional dos brasileiros. Em seguida, passou gradualmente a reconhecer o caráter valoroso dos republicanos. Essa mudança de opinião foi causada por uma identificação de classe com os revoltosos com os quais travou contato. Harcliffe circulou principalmente entre os mais privilegiados do país, que realmente constituíram a classe que ascendeu ao poder – ou que se manteve no poder – com a saída de cena do Imperador. Como um bom

norte-americano, Harcliffe não poderia ver com bons olhos a situação esdrúxula do Brasil como um Império no Novo Mundo. Mas, depois de se livrar do atraso que significava a monarquia e passar a ser governado por essa “virtuosa” elite, o Brasil parecia-lhe ter se tornado um parceiro comercial bastante atrativo para os Estados Unidos e um destino apropriado para os empreendedores norte-americanos.

ABSTRACT: In *The fate of a crown* (1905), Frank Baum chooses Cuyaba as the setting of a political intrigue surrounding the Proclamation of the Republic in Brazil in 1889. But that is also the story of a foreigner, an American, and his impressions about Brazil. Although Baum has selected a traveler to Cuyaba as the I-as-protagonist narrator, he does not provide accurate descriptions of the city, appearing to be based more on an absence, a lack of first-hand accounts. However, the narrative forges a colonial discourse on Brazil. At first, it is a vision based on negative stereotypes, but that picture is gradually changed. The aim of this paper is to demonstrate the transformation that takes place in the colonial discourse in the novel, caused by the narrator’s experiences in Brazil. Further, it is also shown how Baum uses this remote setting in the tropics to address issues such as women’s emancipation and homosexuality.

Keywords: Cuyaba. Colonial discourse. Women’s emancipation. Homosexuality. Frank Baum.

Referências

BAUM, Frank (Schuyler Staunton). *The fate of a crown*. Chicago: The Reilly & Britton Co., 1905.

FRASER, Robert. *Lifting the sentence: a poetics of postcolonial fiction*. Manchester; New York: Manchester University Press, 2000.

McLEOD, John. *Beginning postcolonialism*. Manchester; New York: Manchester University Press, 2000.

NENEVÉ, Miguel. Travel-writing on the Amazon in the 1990s: ecological concern or colonial discourse. *Polifonia*, v. 18, n. 24, 2011, pp. 99-110.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999.

SAID, Edward. *Orientalismo*. Trad.: Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. *Cultura e imperialismo*. Trad.: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.